

# Sistema de Exames e Burocracia

**Nildo Viana**

O sistema de exames é a forma encontrada pela educação escolar para realizar o processo de avaliação. Tido como necessário para muitos e como prejudicial para outros, ele recebeu poucos estudos sobre sua gênese e não recebeu uma abordagem baseada numa concepção histórica e sociológica mais abrangente. Iremos, no presente artigo, destacar alguns estudos que contribuem com a compreensão do sistema de exames, buscando responder qual é o motivo para sua existência.

O sociólogo Max Weber oferece uma contribuição importante para compreendermos a gênese e o significado do sistema de exames. Weber analisa os vários tipos de educação, derivado de sua tipologia da ação social e da dominação legítima (WEBER, 1971; VIANA, 2004a). Para Weber, existem três tipos de educação: a carismática, a tradicional e a burocrática. Ele considera que o tipo carismático e tradicional são as formas predominantes em sociedades pré-capitalistas. O tipo burocrático de educação é produto da sociedade moderna, de seu processo de racionalização, e, simultaneamente, de burocratização.

A burocratização da sociedade moderna provoca determinadas necessidades, entre elas a qualificação. As características da burocracia moderna, fundada na hierarquia, em documentos escritos, normas fixas, exigência de treinamento especializado e completo, regras gerais aprendidas através de ensino técnico especializado, fazem dela uma necessidade na sociedade moderna. Somente o fato de que a burocracia se fundamenta em documentos escritos nos fornece a percepção da necessidade da educação escolar. A organização burocrática exige o treinamento especializado e exames especiais, pois estes são pré-requisitos para o emprego (WEBER, 1971). A posição do funcionário na hierarquia depende dos diplomas educacionais. O diploma, por sua vez, na sociedade moderna, é fornecido pela escola.

A ascensão do processo de burocratização da sociedade moderna provoca a racionalização de todas as esferas da vida e isto surte efeitos no processo de treinamento e educação. O especialista vai se tornando cada vez mais importante e este processo se amplia e invade todas as instâncias da vida social. Isto atinge o processo educacional, a

pesquisa e até mesmo a ciência. Juntamente com este processo, cresce o controle institucional sobre as atividades de pesquisa e educação desenvolvidas. Há uma concentração e controle dos meios materiais de produção intelectual. Segundo Weber:

O desenvolvimento do diploma universitário, das escolas de comércio e engenharia, e o clamor universal pela criação dos certificados educacionais em todos os campos leva à formação de uma camada privilegiada nos escritórios e repartições. Esses certificados apoiam as pretensões de seus portadores, de intermatrimônios com famílias notáveis (...), as pretensões de serem admitidos em círculos que seguem ‘códigos de honra’, pretensões de remuneração ‘respeitável’ ao invés da remuneração pelo trabalho realizado, pretensões de progresso garantido e pensões na velhice, e, acima de tudo, pretensões de monopolizar cargos social e economicamente vantajosos (WEBER, 1971, p. 279).

A burocracia moderna, após seu desenvolvimento pleno, coloca em primeiro lugar o sistema de exames especiais, especializados. Assim, se produz uma generalização do sistema de exames, invadindo a sociedade e se expandindo pelo mundo inteiro. Instaura-se, assim, o “prestígio educacional dos títulos educacionais” através do sistema de exames e isto produz uma camada privilegiada, pois é através destes que se consegue os mais altos cargos.

Este caráter burocrático da sociedade moderna também foi observado por outros autores. Marx também relacionou sistema de exames e burocracia. Segundo Marx, “a burocracia é um círculo ao qual nada pode escapar. Esta hierarquia é uma hierarquia do saber” (MARX, 1978, p. 72). A burocracia estatal é caracterizada por esta hierarquia e ela constitui o sistema de exames. O exame nada mais é do que “o batismo burocrático do saber, o reconhecimento oficial da transubstanciação do saber profano em saber sagrado (é claro que em todos os exames o examinador sabe tudo)” (MARX, 1978, p. 79).

No entanto, coube a Foucault fazer uma análise mais completa e aprofundada do sistema de exames quando ele analisa o processo disciplinar que se realiza nas instituições, inclusive na escola. A disciplina busca, segundo Foucault, controlar as atividades, o tempo, minuciosamente, com riqueza de detalhes:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva os seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes.

“Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício (FOUCAULT, 1983, p. 153).

O exame faz parte deste poder disciplinador. Foucault realiza uma análise deste processo de disciplinamento e do papel do sistema de exame neste processo. O exame, segundo Foucault:

É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. Estabelece sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados. É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vêm-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. No coração dos processos de disciplina, ele manifesta a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam. A superposição das relações de poder e das de saber assume no exame todo o seu brilho visível (FOUCAULT, 1983, p. 164-165).

Este caráter repressivo e coercitivo (negativo e positivo) do sistema de exames, sem dúvida, exerce efeitos sobre os indivíduos submetidos a ele. Assim, a pedagogia do exame é uma forma de exercício do poder (LIMA, 1996). A gênese do sistema de exames se encontra, tal como coloca Weber, no processo de instituição da sociedade moderna, com a racionalização e burocratização crescente e com a necessidade da educação escolar derivada daí. A escola, a instituição responsável pela educação formal, surge durante o processo de transição para a sociedade capitalista:

No século XIII, os colégios eram asilos para estudantes pobres, fundados por doadores. Os bolsistas aí viviam em comunidades, segundo estatutos que se inspiravam em regras monásticas. Não se ensinava nos colégios. A partir do século XV, essas pequenas comunidades democráticas tornaram-se institutos de ensino, em que uma população numerosa (e não mais apenas os bolsistas da fundação, entre os quais figuravam alguns administradores e professores) foi submetida a uma hierarquia autoritária e passou a ser ensinada no local. Finalmente, todo o ensino das artes passou a ser ministrado nos colégios, que forneceriam o modelo das grandes instituições escolares do século XV ao XVIII, os colégios dos jesuítas, os colégios dos doutrinários e os colégios dos oratorianos: o colégio do Ancien Regime, mais distante dos primeiros colégios de bolsistas do século XIV do que de nossos colégios de hoje, diretamente anunciados por ele apesar de diferenças importantes, e, sobretudo, da ausência de internato. O estabelecimento definitivo de uma regra de disciplina completou a evolução que conduziu da escola medieval, simples sala de aula, ao colégio moderno, instituição complexa, não apenas de

Assim, o que este historiador apresenta é o processo de gênese da educação escolar moderna, o que marca a formação de uma nova instituição, a escola, organizada burocraticamente e voltada para o controle do saber e tendo no sistema de exames um dos elementos fundamentais deste processo.

No entanto, também é necessário entender as motivações da existência do sistema de exames. Segundo Marx, a educação escolar moderna existe para promover a formação especializada, o que já mostra em si uma limitação, pois promove um desenvolvimento unilateral. As razões disto se encontram no fato de que o objetivo da escola é preparar a força de trabalho para o capital e repassar as ideias e valores da classe dominante visando legitimar a sociedade capitalista. Juntamente com isto, temos a reprodução da desigualdade social via sistema escolar (VIANA, 2004b).

A ideia de que o sistema de exames promove um processo de reprodução das desigualdades, apontada por Marx, é desenvolvida por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1982). Segundo estes autores, o sistema de exames tem o papel de realizar um processo de seleção que realiza a reprodução da estratificação social e das desigualdades sociais (BOURDIEU e PASSERON, 1982; SANTOS, 2002; VIANA, 2002). Através da violência simbólica, via os mecanismos de atividade pedagógica, se realiza a reprodução das desigualdades. Os exames fazem parte destes mecanismos pedagógicos de violência simbólica. Sendo assim, o sistema de exames faz parte tanto da violência disciplinar quanto da violência cultural, pois ao mesmo tempo disciplina o aluno e lhe impõe valores e concepções (VIANA, 2002).

A necessidade do sistema de exames está na busca do controle do saber e este, por sua vez, se realiza devido ao papel da escola que é de buscar reproduzir as relações de produção capitalistas (TRAGTENBERG, 1990).

Assim, o sistema de exames é um elemento componente da engrenagem da organização burocrática escolar e acaba sendo supervalorizado. O processo de desenvolvimento da consciência não é o objetivo da pedagogia burocrática e sim o êxito, que, por sua vez, garante o controle do saber:

O exame, mais que o programa, define a pedagogia do docente. O objetivo que a pedagogia burocrática lhe propõe não é o enriquecimento intelectual do aluno, mas seu êxito no sistema de exames (TRAGTENBERG, 1990, p. 37).

O controle é o objetivo fundamental:

O controle do alunado se dá através do sistema de provas e exames, onde é medida a conformidade do aluno aos ditames do Mestre, muito mais do que sua produção e criatividade. A escola funciona, nesse sentido, mais como elemento de domesticação do que como elemento de libertação e autoafirmação. A burocracia universitária e ministerial oprime o mestre. Ele, por sua vez, tende a reproduzir esta opressão sobre o aluno: é a dialética do senhor e do escravo de Hegel. O senhor oprime o escravo e ao mesmo tempo é escravizado pela máquina que ajudou a construir (TRAGTENBERG, 1990, p. 148).

Assim, esta compreensão do sistema de exames nos permite perceber a relação indissolúvel entre ele e a burocracia. O sistema de exames é um dos mecanismos mais poderosos de controle do saber produzido pela burocracia.

### Referências Bibliográficas

ÁRIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves: 1982.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir. História da Violência nas Prisões*. 2ª edição,

LIMA, A. O. *Avaliação Escolar: Julgamento X Construção*. 4ª edição, Petrópolis, Vozes, 1994.

MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. Lisboa, Presença, 1978.

SANTOS, Cleito Pereira dos. *Educação, Estrutura e Desigualdades Sociais*. In: VIANA, Nildo e VIEIRA, Renato (orgs.). *Educação, Cultura e Sociedade*. Goiânia, Edições Germinal, 2002.

TRAGTENBERG, Maurício. *Sobre Educação, Política e Sindicalismo*. Vol. 1, 2ª edição, São Paulo, Cortez, 1990.

VIANA, Nildo. “Marx e a Educação”. *Estudos – Revista da Universidade Católica de Goiás*. Vol. 31, nº 03, março de 2004b.

VIANA, Nildo. “Weber: Tipos de Educação e Educação Burocrática”. *Guanicuns*. Revista da Faculdade de Educação e Ciências Humanas de Anicuns. Vol. 01, nº 01, Novembro de 2004a.

VIANA, Nildo. *Violência e Escola*. in: VIANA, Nildo e VIEIRA, Renato (orgs.). *Educação, Cultura e Sociedade*. Goiânia, Edições Germinal, 2002.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

**Nildo Viana**

Nildo Viana é Professor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás; Doutor em Sociologia/UnB, autor de diversos livros, entre os quais *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral* (São Paulo, Ideias e Letras, 2009) e *Manifesto Autogestionário* (Rio de Janeiro, Achiamé, 2008). E-mail: [nildoviana@ymail.com](mailto:nildoviana@ymail.com)